

A DOCTRINA DOS ESPÍRITOS: CONSTRUÇÃO DE ALLAN KARDEC

Sandra Jacqueline Stoll ()*

Curitiba-PR, Brasil

Na história do pensamento ocidental o século XIX figura como um período decisivo de enfrentamento entre duas formas de representação de mundo: a religiosa e a científica. A hegemonia da segunda não se impôs, porém, sem resistências seja por parte da Igreja Católica, seja por parte de novos movimentos, os quais agrupados em torno do rótulo do "espiritualismo" investiram criticamente contra as conquistas materiais e filosóficas da modernidade. Nesse contexto é que o Espiritismo de Allan Kardec ganha relevância: embora inserindo-se no campo doutrinário, reivindica para si o estatuto de ciência. Procedimentos de caráter experimental e a discussão de um dos principais temas em voga no campo científico - a questão da evolução - colocaram-no no cerne do debate da época. Evidenciar esse caráter contextual da doutrina espírita e a participação de Allan Kardec na construção desta constituem os objetivos deste trabalho.

Para tanto sugiro uma incursão comparativa em torno de dois livros que levam a assinatura de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, cuja primeira edição data de 1857, e *A Gênese*, publicado em 1868. Escolha que se justifica pelo fato de nestas obras se poder observar mais claramente como Allan Kardec inscreve o texto "dos espíritos" no contexto do debate da época. Trata-se, portanto, de demonstrar como foram por ele construídas as relações entre a doutrina espírita e a ciência tomando-se como mote o tema da evolução.

VERSÕES DE UMA MESMA TEORIA

"Procedi com os espíritos como teria feito com os homens: [...] observar, comparar, julgar, essa foi a regra invariável que me impus" (...). Apliquei [...] o método experimental, não aceitando teorias preconcebidas. Observava atentamente, comparava e deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava elevar-me às causas, pela dedução e encadeamento dos fatos [...] Foi assim que procedi, (como) em meus trabalhos anteriores" (Kardec [1890]1995:205 e 204)

A citação acima, de Allan Kardec, explicita o procedimento adotado pelo autor no tratamento dos dados fornecidos "pelos espíritos". Depois de dois anos o material coletado já assumira, segundo ele, a proporção de um livro.¹ Sistematizado e organizado por temas, sob a forma de perguntas e respostas, *O Livro dos Espíritos*, foi publicado em 1857. Allan Kardec alega que a sua participação na elaboração deste se resume à apresentação formal dos dados: “[...] *foi da comparação e da fusão de todas as respostas*”, *coordenadas e classificadas (por temas) que surgiu o formato dessa publicação*”([1890]1995:206). Na introdução do seu primeiro livro, descreve-se o procedimento adotado com mais detalhes: “*Nada contém (esse livro) que não seja a expressão do pensamento (dos espíritos) e que não tenha por eles sido examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação*” resultam de criação sua ([1857]1997: 49).

Não é, porém, o que se constata relendo suas principais obras. Estas evidenciam que a participação de Allan Kardec na elaboração da doutrina espírita foi muito mais extensa e significativa. A abertura d’*O Livro dos Espíritos* deixa claro, por exemplo, que o nome *Espiritismo* é uma escolha de Kardec². Esta escolha, no entanto, não apenas normatiza relações preexistentes. Por meio desse ato semântico, o Espiritismo se destaca do *Espiritualismo* moderno sem, contudo, constituir um movimento independente, o que lhe permite reivindicar, de um lado, parceria; de outro, a definição de uma identidade própria.

O Espiritismo se apresenta como sendo, ao mesmo tempo, uma ciência, uma filosofia e uma doutrina. Esse perfil, no entanto, como se pretende aqui demonstrar, não lhe foi atribuído “pelos espíritos” e, sim, por Allan Kardec. É o

¹ Além dos dados colhidos diretamente, por meio da participação pessoal de sessões mediúnicas, Allan Kardec fez uso de material transcrito em cinquenta cadernos, contendo o registro de cinco anos de “comunicações diversas”. Esse material lhe foi entregue por frequentadores de sessões mediúnicas para que se promovesse a sistematização das informações. Este foi, segundo Henri Sausse, o ponto de partida de suas pesquisas junto “aos espíritos” (Kardec [1859] 1983: 18).

² Na Introdução d’*O Livro dos Espíritos* lê-se: “*Para designar coisas novas são precisos termos novos[...] Os termos espiritual, espiritualista e espiritualismo têm uma significação bem definida; [...] O espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite haver em si mesmo alguma coisa além da matéria é espiritualista; mas não segue daí que creia na existência dos espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível [...] Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível*” (Kardec[1857] 1995:13).

que deixa transparecer a leitura das obras que constituem o “pentateuco”,³ denominação dada aos livros que compõem a base doutrinária do Espiritismo. Nestas o que se observa é que as mensagens atribuídas “aos espíritos” não conformam, por si mesmas, um *corpus* doutrinário, isto é, um sistema articulado de pensamento. O que se deve, em larga medida, ao modo como a doutrina foi constituída. Como salienta o próprio Kardec, as informações por ele coligidas provêm de espíritos diversos, que lhe foram repassadas por intermédio de vários médiuns.⁴ Esse consórcio de vários personagens, vivos e mortos, com vistas à produção de um consenso com relação a certos temas, funda os preceitos doutrinários do Espiritismo na experiência individual, portanto, fragmentária. As estratégias adotadas por Allan Kardec, seja na compilação dos dados, seja na apresentação textual destes, têm basicamente o intuito de dar-lhes unidade. Como ele próprio declara, “[...] *incumbe ao observador formar o conjunto, colecionando e conferindo [...] documentos que tenha recolhido*” (Kardec [1890]1995: 205; destaque meu). A leitura mais sistemática de suas obras revela, no entanto, que a comparação, compilação e organização temática das informações coletadas não resume o seu trabalho, como ele próprio sugere. Essas foram as estratégias adotadas no tratamento dos dados. Mas, o que efetivamente dá organicidade aos textos é a discussão que se faz dos dados fragmentariamente apresentados. E esta não é realizada “pelos espíritos” e, sim, por Kardec. N’*O Livro dos Espíritos*, por exemplo, ao final de certos capítulos, ele insere algumas páginas que sintetizam as idéias apresentadas. Constituindo quase um texto à parte, Allan Kardec retoma os temas propostos, discutindo-os a partir daqueles que eram os referenciais do debate da época: a tradição bíblica, de um lado; as descobertas científicas da época, de outro.

N’*O Livro dos Espíritos*, a sua obra inaugural, a idéia de Deus e a formação do universo são os temas de abertura. Ao contrário, porém, de outras cosmogonias descritas em livros religiosos, o que se lê n’*O Livro dos Espíritos* não é o relato de um mito de origem. Também não se trata de uma “revelação”

³ A exemplo da Bíblia, constituída de cinco Evangelhos, dos vários livros escritos por Allan Kardec se destacam cinco obras, tidas como a base da doutrina, sendo por isso designadas como o “pentateuco” espírita. São elas: *O Livro dos Espíritos* (1857), que introduz os temas básicos da doutrina; *O Livro dos Médiuns* (1861), que descreve, classifica e normatiza a prática mediúnica; *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), que retoma os Evangelhos visando fundamentar os temas doutrinários espíritas como a tese da imortalidade da alma, da reencarnação etc.; *O Céu e o Inferno* (1865), discute as noções cristãs do destino pós-morte e apresenta depoimentos “dos espíritos” sobre o “momento de passagem” e a vida na “erraticidade”; *A Gênese* (1868), retoma o tema das origens do Universo, da Terra e do homem e os analisa à luz da doutrina espírita.

⁴ Lê-se em *Obras Póstumas* a respeito o que segue: “[...] sempre que se me oferecia ocasião, aproveitava para propor perguntas que me pareciam espinhosas. Foi assim que *mais de dez médiuns* prestaram a sua assistência ao trabalho” (Kardec [1890]1995:204; destaque meu).

divina a um mensageiro qualificado, seja ele um messias ou um profeta.⁵ Já às primeiras páginas o leitor se defronta com uma seqüência de perguntas e respostas. “*Que é Deus?*”, solicita a primeira. Resposta: “*Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*”. Pergunta 4: “*Onde se pode encontrar a prova de sua existência?*” Resposta: “*Num axioma que aplicas às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e vossa razão responderá*”. Pergunta 37: “*O Universo foi criado, ou existe de toda a eternidade, como Deus?*” Resposta: “*É fora de dúvida que ele não pode ter feito a si mesmo. Se existisse, como Deus, de toda a eternidade, não seria obra de Deus*”. Pergunta 38: “*Como Deus criou o Universo?*” Resposta: “[...] *pela sua Vontade. Nada caracteriza melhor essa vontade onipotente do que estas belas palavras da Gênese – “Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita”*”. Pergunta 43: “*Quando a Terra começou a ser povoada?*” Resposta: “*No começo tudo era caos; os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo*”. Pergunta 50: “*A espécie humana começou por um único homem?*” Resposta: “*Não, aquele a quem chamais de Adão não foi o primeiro, nem ó único na Terra*”. Pergunta 53: “*O homem surgiu em muitos pontos do globo?*” Resposta: “*Sim e em épocas várias, o que também constitui uma das causas da diversidade das raças. Depois, dispersando-se os homens por climas diversos e aliando-se os de uma a outras raças, novos tipos se formaram*”. Continuação da mesma pergunta: “*Estas diferenças constituem espécies distintas?*”. Resposta: “*Certamente que não; são todos de uma mesma família. Porventura as múltiplas variedades de um mesmo fruto são motivo para que deixem de formar uma mesma espécie?*”(Kardec [1857]1995: 51,52,64, 65, 67 e 68).

O modo formal e “objetivo” de formulação das perguntas, bem como a impessoalização e generalização das respostas não deixa dúvidas quanto à inspiração de Allan Kardec nos moldes positivistas da prática científica da época. Esta, porém, serviu-lhe mais do que como modelo de investigação. As teorias, ou melhor, certas correntes do pensamento científico da época foram por ele apropriadas como critério de validação das informações “dos espíritos”. Um dos melhores exemplos é um texto de sua autoria, de três páginas, inserido ao final do terceiro capítulo d’*O Livro dos Espíritos*, com o seguinte título: *Considerações e Concordâncias Bíblicas concernentes à Criação*. Neste, Allan Kardec discute o mito de Adão e Eva, respaldado nas descobertas recentes da Geologia e da Arqueologia, duas disciplinas então recém-criadas, que revolucionaram os conhecimentos da época com relação à história da

⁵ Allan Kardec afirma em *A Gênese* que as comunicações “dos espíritos” ocorreram “com permissão divina”. Razão pela qual considera a doutrina espírita como “divina na origem”, embora “de iniciativa dos espíritos” ([1868]1982:20).

A CEPA E A ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO – Sandra Jacqueline Stoll

humanidade. Allan Kardec se manifesta a propósito do tema nos seguintes termos:

Diz a Bíblia que o mundo foi criado em seis dias e (define) a época de sua criação há quatro mil anos, mais ou menos, antes da era cristã [...] a ciência [...] prova o contrário. A história da formação do globo terráqueo está escrita em caracteres irrecusáveis no mundo fóssil, achando-se provado que os seis dias da criação indicam tantos outros períodos, cada um de, talvez, muitas centenas de milhares de anos [...] Dever-se-ia daí concluir que a Bíblia é um erro? Não. A conclusão a tirar-se é que os homens se equivocaram ao interpretá-la [...] em vez de executada milagrosamente por Deus em algumas horas, se realizou, sempre pela sua vontade, mas (conforme) as leis da Natureza, em alguns milhões de anos ([1857]1997: 70-71).

O confronto da tradição bíblica com as recentes descobertas científicas é uma perspectiva de reflexão que define o cenário cultural da época. A citação acima evidencia o engajamento de Allan Kardec no contexto desse debate. A sua posição difere radicalmente, porém, da postura assumida então pela Igreja Católica. Ao contrário desta, Allan Kardec não refuta as descobertas científicas:

Contra a evidência não há raciocínios possíveis, diz ele. Pode dar-se que, de um momento para outro, se adquira a certeza material da anterioridade da raça humana [...] desde que se achem vestígios da existência do homem antes da grande catástrofe (o Dilúvio), provado ficará, ou que Adão não foi o primeiro homem, ou que sua criação se perde na noite dos tempos [...] Forçoso será aceitar-se esse fato, como se (aceitou) o do movimento da Terra [...] ([1857]1997: 72).

Kardec não descarta, contudo, a idéia da Criação, sustentada pela tradição bíblica. Busca, portanto, por uma posição conciliatória, que pode ser resumida da seguinte forma: ele mantém a idéia da criação divina do homem, porém, incorporando a possibilidade de se repensar a *datação de sua origem*. Postura que, como ele próprio explicita, não implica o questionamento da autoridade da Bíblia e, sim, da sua interpretação. Ou seja, no que se refere às origens do universo e da humanidade, o texto bíblico, segundo ele, deve ser lido como metáfora. Argumenta nesse sentido: “[...] Muitas descobertas já fizeram surgir dúvidas a tal respeito. Pode dar-se que, de um momento para outro, se adquira a certeza material da anterioridade da raça humana e então se reconhecerá, a esse propósito, [...] (que) o texto bíblico encerra uma figura”. Ou seja, “os seis

A CEPA E A ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO – Sandra Jacqueline Stoll

dias da Criação indicam [...] períodos, cada um de, talvez, muitas centenas de milhares de anos” (idem:71-72).⁶

A publicação d’*O Livro dos Espíritos* (1857) antecede em dois anos o lançamento da obra que viria consolidar o novo paradigma científico da época, *A Origem das Espécies*, de Darwin. Portanto, nesse primeiro livro de Allan Kardec, a idéia de uma origem comum a todas as raças humanas, defendida pelos monogenistas, não se coloca. A hipótese soava absurda:

[...] o exame fisiológico demonstra haver, entre certas raças, diferenças constitucionais mais profundas do que as que o clima é capaz de determinar. O cruzamento das raças dá origem aos tipos intermediários [...] mas não os cria; apenas produz variedades. Ora, para que tenha havido cruzamento de raças, preciso era que houvesse raças distintas. Como, porém, se explicará a existência delas, atribuindo-se-lhes uma origem comum e, sobretudo, tão pouco afastada? Como há de se admitir que, em poucos séculos, alguns descendentes de Noé se tenham transformado a ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Tampouco admissível é semelhante metamorfose, como a hipótese de uma origem comum para o lobo e o cordeiro [...] Tudo, ao invés, se explica, admitindo-se: que a existência do homem é anterior à época em que [...] se pretende que ela começou; que diversas são as suas origens [...]” (Kardec [1857]1995: 72 e 73).

O argumento de Kardec reproduz a visão científica dominante à época. Entre 1850 e 1870 a *poligenia* era a tese que predominava nos círculos científicos da Europa e América (Leach,1982:68) Essa corrente do pensamento evolucionista do século XIX reunia os pensadores que, fiéis à versão bíblica, acreditavam que a humanidade tinha se originado de uma fonte comum. Daí a possibilidade de se pensá-la como una. Porém, as diferenças físicas existentes entre as raças humanas, adaptadas a climas e meio-ambientes diversos, eram tidas como indício de criação independente.

Por permanecer fortemente arraigada à versão bíblica, a concepção poligenista não teve tantos detratores, tendo sido incorporada inclusive por algumas doutrinas religiosas da modernidade, dentre elas o Espiritismo. Endosso que se justifica pela possibilidade que essa teoria oferecia de se conciliar a idéia da Criação com o tema da evolução, então em pauta. N’*O Livro dos Espíritos*, como já sinalizado, essa tese é apresentada nos primeiros capítulos da obra. Mas não apenas nestes. Quase ao final do livro, a pergunta 690 retoma o tema: “*Do ponto de vista físico são de criação especial os corpos da raça atual, ou procedem de corpos primitivos, mediante a reprodução?*” Resposta: “*A origem*

⁶ Esse mesmo argumento é reiterado num livro posterior, *A Gênese* (cap.XI).

das raças se perde na noite dos tempos. Mas como todas pertencem à unidade da família humana, qualquer que tenha sido o tronco de cada uma, elas puderam aliar-se entre si e produzir tipos novos” (idem:333).

A publicação em 1859 do livro de Darwin, *A Origem das Espécies*, veio consolidar a tese oposta, a *monogenia*, concepção que postula não apenas a unidade da espécie, mas, também, a origem comum de todas as raças humanas. “O impacto da publicação dessa obra foi tal que a teoria de Darwin passou a constituir uma espécie de paradigma da época, diluindo antigas disputas”, afirma Schwarcz (1993: 54). Refere-se à autora ao campo científico. No campo religioso a adoção das novas idéias também ocorreu, porém, implicando em diferentes modos de acomodação. No Espiritismo, por exemplo, observam-se algumas mudanças na postura de Allan Kardec com relação ao tema. N’*O Livro dos Espíritos*, como se viu acima, a idéia da humanidade como criação divina é reafirmada, porém, a idéia de uma origem comum das raças apresenta-se-lhe como inconcebível. Em *A Gênese* (1868), volume publicado nove anos depois do lançamento de *A Origem das Espécies*, Kardec retoma a discussão sobre o tema, reproduzindo em parte a estrutura temática do primeiro livro. Neste último, contudo, dedica maior espaço à apresentação das recentes informações científicas relativas às origens do universo e da humanidade. Diante destas, modifica-se a sua posição pessoal com relação à certas idéias sustentadas no primeiro livro. Ocorre, portanto, uma atualização de certos pressupostos da doutrina espírita em razão da incorporação de idéias que traduziam o pensamento das novas correntes que vinham conquistando hegemonia no campo científico. Esse trabalho de revisão da doutrina é de Allan Kardec: é ele quem acompanha de perto o debate em torno das descobertas científicas da época, no intuito de promover a atualização da doutrina “dos espíritos”. Posição que defende de forma explícita na medida em que constantemente, nas suas obras, afirma ter a pretensão de manter o Espiritismo aberto às novas descobertas científicas. Nesse livro, *A Gênese*, sua manifestação nesse sentido é das mais enfáticas: “*Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado*”, diz ele, “*porque se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará*” ([1868]1982:44-45).

A acomodação ao novo paradigma não se afigurava, porém, tão fácil. As novas teorias da evolução exigiam a renúncia à idéia da origem divina do universo, bem como ao lugar especial que se atribuía ao homem na Criação. Segundo o novo paradigma, a humanidade, como as demais espécies animais, tinha as suas origens e evolução regidas pelas leis da Natureza. Allan Kardec apresenta sucintamente essa idéia às primeiras páginas desse seu livro, *A Gênese*: “[...] a Ciência moderna”, diz ele, “de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria”([1868]1982:22; grifo no original). Essa idéia aparece com mais ênfase

num capítulo dedicado especificamente ao tema das origens da humanidade. Neste lê-se o que segue: “[...] *Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira (que aqueles), também nas mesmas condições que os outros se há ele de ter formado*” (idem: 204; grifo no original).

Sua reticência ao novo paradigma se explicita algumas páginas adiante. Referindo-se à hipótese da origem animal do homem, Allan Kardec afirma: “*Da semelhança que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada há aí de impossível [...] Fique bem entendido (contudo) que aqui se trata unicamente de uma hipótese*” [...] (idem: 212).

Kardec trabalha, porém, com a plausibilidade dessa hipótese. Em *A Gênese*, repensa a história da humanidade, descartando, finalmente, a idéia da Criação. O surgimento do homem na Terra, como pretendiam as correntes evolucionistas hegemônicas à época, aparece neste livro descrito como um fenômeno natural: “[...] *tem o homem de se resignar a não ver no seu corpo material mais do que o último anel da animalidade na Terra. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar*” ([1868]1982: 204; grifo no original).

Mas não são todos os pressupostos das novas teorias evolucionistas que Allan Kardec efetivamente endossa. Sua reticência se manifesta explicitamente com relação à questão da origem das raças humanas. Como explicitam as citações acima, da versão monogenista, ele endossa a hipótese de que estas possam ter tido uma *origem natural*. Mas, não única. O seu comentário é explícito nesse sentido: “[...] *Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam característicos tipos peculiares, que não permitem se lhes assinale uma origem comum. Há diferenças que evidentemente não são simples efeitos do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros e (vice-versa) [...]*” ([1868]1982: 227). Donde conclui:

Há-se, pois, de considerar que as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria, como tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo [...] Os caracteres fisiológicos das raças primitivas constituem indício evidente de que elas procedem de tipos especiais. As mesmas considerações se aplicam, por conseguinte, assim aos homens como aos animais, no que concerne à pluralidade dos troncos (idem:227)

Essa idéia de uma origem diferencial das raças humanas é própria da versão poligenista. Portanto, o que Allan Kardec sustenta é uma combinação de

idéias que se sedimentam em versões concorrentes do evolucionismo: de um lado, defende a tese corrente entre os *monogenistas* de que a humanidade teria uma origem única (a princípio divina; depois natural); de outro, mantém o argumento dos *poligenistas*, quanto à pluralidade de origem das raças que conformam o gênero humano.

Essa síntese produzida por Allan Kardec particulariza a versão espírita do tema, inserindo-o, de forma particular, no contexto do debate da época. Essa discussão, no entanto, é no conjunto da doutrina acessória. Mas serve como parâmetro para se problematizar, nos mesmos moldes, a origem e a evolução dos espíritos, questões que introduzem a temática doutrinária propriamente dita: o destino pós-morte, a reencarnação e a vida “na erraticidade”. São esses os temas tratados nos demais capítulos d’*O Livro dos Espíritos*. Apresentados da mesma forma, por meio de perguntas e respostas, em torno destes temas Allan Kardec também tece considerações, nem sempre pontuais. Em textos curtos, inseridos ao final de alguns capítulos, comenta e contrapõe as idéias apresentadas “pelos espíritos” à tradição bíblica e outros sistemas religiosos (a teosofia, a magia, o xamanismo, etc).⁷ O diálogo com a ciência nestes também é uma constante. Da perspectiva temática, a questão comum que se apresenta é a evolução. O Espiritismo entende o “progresso espiritual” como condição inerente à natureza humana: “[...] Deus criou todos os espíritos simples e ignorantes [...] (a fim) de os fazer chegar progressivamente à perfeição”.⁸ Definição que remete à idéia de destino comum. Em *A Gênese* a formulação nesse sentido é clara: “[...] todas (as almas) têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta [...]”.⁹ A linearidade é, portanto, outra de suas características: “[...] todos se tornarão perfeitos”, dado que “[...] a marcha dos espíritos é (sempre) progressiva, jamais retrograda”.¹⁰ Essa concepção do processo de evolução como uma lei remete à formulação das ciências naturais. No entanto, o Espiritismo se distancia destas na medida que sujeita o funcionamento do processo da evolução ao exercício do livre arbítrio: “[...] o homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente. Mas, nem todos progredem simultaneamente e do mesmo modo”.¹¹ A tensão entre essas duas forças é, portanto, o que define a concepção espírita da evolução – um processo nico, porém, desigual – , idéia que reproduz, apesar do modo particular de

⁷ Sobre os temas propriamente doutrinários encontra-se ao longo de todo *O Livro dos Espíritos* comentários pontuais do autor. No final de alguns capítulos, porém, há textos mais longos, de sua autoria. Dentre eles se destacam: “Hierarquização dos Espíritos”; “Materialismo”; “Considerações sobre a Pluralidade das Existências”; “Ensaio Teórico da Sensação nos Espíritos”; “Resumo Teórico do Sonambulismo, do Êxtase, da Dupla Vista” e o “Resumo Teórico do Móvel das Ações Humanas” (Kardec [1857]1997).

⁸ Kardec – *O Livro dos Espíritos*, p.95.

⁹ Kardec – *A Gênese*, p.29.

¹⁰ Kardec – *O Livro dos Espíritos*, p.131.

¹¹ *Idem, ibidem*: p.363.

A CEPA E A ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO – Sandra Jacqueline Stoll

construção, a visão que postulavam as correntes dominantes do pensamento científico da época.

O que singulariza o Espiritismo nesse momento, portanto, é o modo como se produziu a acomodação das informações “dos espíritos” a idéias, modelos e princípios que têm origem em outro campo – o da ciência. Essa articulação foi sendo construída por Allan Kardec em meio ao processo de coleta das informações “dos espíritos” e do desenrolar do embate entre correntes diversas do pensamento científico.

Esse movimento, essa construtividade da doutrina que aflora de uma leitura comparativa das obras mencionadas, evidencia que a participação de Allan Kardec na constituição da doutrina é muito mais extensa do que ele próprio sugere. Não diríamos, portanto, como é de senso comum, que ele é apenas o codificador da doutrina. O estatuto de ciência que se atribui ao Espiritismo é uma criação sua. Portanto, uma interpretação pessoal. Essa sua interpretação, porém, foi assumida como inerente à manifestação “dos espíritos”, dando origem ao mito de que o Espiritismo seria, na sua versão original, efetivamente científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KARDEC, Allan - *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: LAKE, [1857]1996.

A Gênese. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, [1868]1982.

Obras Póstumas. São Paulo: LAKE, [1890]1995.

O que é o Espiritismo. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, [1859]1993.
- LEACH, Edmund - "Selvagens e civilizados: uma espécie ou muitas?" In: *A Diversidade da Antropologia*. Lisboa, Edições 70, 1982.
- SCHWARCZ, Lilia - *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

(*) Professora universitária da Universidade Federal do Paraná, doutoranda, seu contato com o Espiritismo ocorreu em função do preparo de sua tese de doutorado.